

Liszt - músico e abade

Adérito Silveira

É sabido que Costa Cabral foi ministro do reino em 1845 com Dona Maria II no governo. Deve recordar-se esta figura porque os jornais nesse ano traziam a seguinte notícia: “ Os cartazes anunciavam ontem que o espectáculo no Teatro em S. Carlos começaria às sete e meia”. Mas a esta hora apareceu um anúncio em que advertia o público que só começaria o espectáculo às oito horas por ordem superior. Diz-se que o senhor Costa Cabral procedeu daquele modo para atender às suas comodidades e às dos deputados da maioria. “Façam se querem uma lei para isso, mas não enganem o público”, comentou então um articulista. E continuou: “ se alguns daqueles fidalgões tomam freio nos dentes, qualquer dia mandam anunciar que o espectáculo começa somente quando eles chegarem. Espera o público, porque um dos senhores Cabrais se está a enfrascar. Quando tiverem os seus pagodes, anunciem-nos com antecedência e não esperem pelas horas de digestão para regularem as do concerto”.

Não creio que esta chalaça conste dos manuais de história onde se regista a actuação do senhor ministro do rei, mas não há dúvida que a imprensa desses longínquos tempos era, no mínimo, muito rigorosa. Afinal tratou-se de um atraso de meia hora. Actualmente ninguém se daria ao cuidado de um aviso por tão curto espaço de tempo. E a verdade é que Costa Cabral teve uma razão muito forte para aquele tão pequeno atraso. Nessa tarde, no seu palacete na Calçada da Estrela, teve lugar uma recepção em honra de um visitante muito ilustre que chegara a Lisboa dias antes, a bordo de um navio vindo de Gibraltar com um dos seus pianos na bagagem: tratava-se nada mais, nada menos de Franz Liszt. A sua viagem, estadia em Lisboa de mais de um mês, está amplamente documentada no livro de Pedro Batalha Reis (Liszt e a sua passagem por Lisboa), editado em 1945, e parece que infelizmente nunca reeditado. Dizem as más-línguas que Liszt quis muito vir a Portugal para ser condecorado com a Ordem de Cristo, na sua opinião a mais bela de todas, com um nome esplêndido de grande significado artístico.

Dona Maria II que lhe comprou o piano (hoje no museu da música) e lhe ofereceu uma magnífica tabaqueira em ouro incrustada de diamantes fez-lhe a vontade; Liszt Cavaleiro da Ordem de Cristo, embora logo encetasse diligências para obter o grau seguinte ou seja, o grau de comendador. Dona Maria recebeu dele a transcrição para piano da Marcha Fúnebre da ópera Don Sebastião de Donizetti, com uma estonteante e floreada dedicatória a que a rainha se emocionou (dizem que os olhos azuis da rainha, o cabelo loiro e a pele fina quase inebriaram Liszt...). Exemplo

bonito desta rainha pelo reconhecimento ao artista consagrado ao mundo dos sons, cuja harmonia conseguia até tocar a consciência dos homens fátuos e injustos nas suas decisões.

A rainha (morreu aos 34 anos de idade em trabalho de parto) conhecia a fama do compositor e a sua obra grandiosa. Como mulher votada à educação, admiradora das artes e possuída de uma virtude aprimorada aos seus muitos filhos, foi cognominada de *A Educadora* ou *A Boa Mãe*...não admirava por isso a curiosidade de Dona Maria II em receber tão ilustre artista.

Liszt, como a maioria dos grandes artistas, sofreu imenso. A situação tinha-se agravado quando ele soube que a antiga namorada e discípula, filha de um conde e Ministro do Comércio caiu gravemente de cama. Eles tinham-se apaixonado perdidamente, mas o conde depois de enviuar proibiu Liszt de voltar àquela casa e de nunca mais olhar para a sua filha Carolina. O desespero aproximou-o dolorosamente até à oração para estar mais de perto para com Deus...ele próprio entra em depressão, abandonando todas as lições. E de tal forma o seu estado o debilita que um jornal noticiou precipitadamente a sua morte num artigo necrológico credenciado.

Numa noite misteriosa Liszt vai a casa de um Abade e manifesta-lhe o interesse em ser padre. Prudentemente o Abade diz-lhe que há muitas maneiras de servir a Deus, sobretudo quando se é dotado tão genialmente para a música. É certo que ainda chegou a ser padre. Mas a música e o piano apoderavam-se dele absorvendo-o religiosamente...

Os últimos tempos da sua vida são dolorosos e instáveis. Vivendo-os entre Weimar, Roma e Budapeste. Em 1886 viajou para Bayreuth. Nesta cidade morre de pneumonia uma semana depois de ter chegado. Sua filha Cosima, mulher de Wagner, assiste à sua morte. Uma outra, o seu último amor, conforta-o nos seus últimos olhares. Olhares de despedida e de reencontros.

aderito.silveira@hotmail.com